

# OS AMULETOS GEMOLÓGICOS E ARQUEOLÓGICOS DA COLEÇÃO DO GOVERNO DO PARÁ - OS MUIRAQUITÃS

*Taylor Araújo Collyer*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> IFPA

**RESUMO:** O Cro-Magnon lutando pela sobrevivência aprofundou o senso da coletividade, comunicação, pesquisa e crença no sobrenatural, surgindo a religião e a idolatria às imagens e amuletos. Essas peças simbólicas, duráveis e belas aos olhos dos portadores, induzem seus usuários a acreditarem nos seus poderes místicos. No Estado do Pará, os principais materiais arqueológicos são cerâmicos, lascas de quartzo, terra preta, pontas de flechas, cilindros e contas, machados, ídolos, e principalmente, os muiraquitãs. Esse termo surgiu no século XIX, quando João Batista Barbosa Rodrigues, viajando pelo rio Nhamundá, descreveu um amuleto batraquial, normalmente confeccionado em jadeíta, actinolita e nefrita. Muitos pesquisadores crêem ser esse amuleto prova da origem asiática das antigas civilizações amazônicas, pela ausência de jazidas desses minerais na Amazônia brasileira. Encontrados também em amazonita, andesito, diorito, esteatito, diabásio e jaspelito, se destacam pelo mistério e controvérsia quanto a sua origem associada às lendárias Amazonas. Cuidadosamente polidos, são exemplares únicos, que destacam formas batraquiais, cilíndricas e contas, orifícios frontais e laterais, sugerindo bom grau de cultura dos fabricantes. Encontrados nos lagos Abuí e Sapucúá, rios Trombetas e Cachorro (município de Oriximiná), rio Erepecurú e Serra da Borboleta (município de Alenquer), Óbidos, Alter do Chão (município de Santarém), rio Nhamundá (município de Faro), Bela Cruz (município de Terra Santa), são relacionados às Culturas Konduri e Tapajó. Têm idade estimada entre 3500 anos antes do presente até a colonização europeia, e confeccionar os muiraquitãs, necessitava de meses para perfurar a gema bruta com vara de grelo da pacova sororoca (Urania Amazônica), areia fina e água. Prendia-se nos dedos polegar e indicador do pé, girando-se a vara com as mãos, ou a partir de quatro orifícios na parte posterior da peça. Há indicações de perfurações laterais ou dorsais, semelhantes aos amuletos mexicanos (chalchihuitls), ou inacabados exibindo interrupção da perfuração ou rompimento do orifício, formando reentrâncias laterais. A coleção de muiraquitãs do Governo do Pará, conta com noventa exemplares, com 3,0 a 6,2 cm de comprimento, espessura de 0,5 a 2,0 cm e até 3,3 cm de largura, destacando-se dois exemplares de sítios arqueológicos de Alter do Chão (município de Santarém) e do lago Abuí (município de Oriximiná), encontrados com contas e fragmentos de coral marinho. Os exemplares dessa coleção foram confeccionados em jadeíta, anefrita e actinolita, além de diabásio/basalto, comuns na Amazônia e denominados "Diabásio Penatecaua". Muiraquitãs feitos em rochas granitoides são frequentes em álcali-riolitos rosados, eventualmente com fenocristais de k-feldspato e quartzo em matriz fina. Em amazonita da Serra da Borboleta, são encontrados nos sítios arqueológicos, com artefatos líticos e cerâmicos em área de provável perambulação dos Konduri. Em jaspelito, encontram-se muiraquitãs de coloração creme avermelhado a vermelho, eventualmente amarelo. A interação entre os Tapajó e Konduri é evidenciada no uso do muiraquitã, pela falta de rochas e minerais resistentes à abrasão nas terras dos Tapajó, que ocupou áreas da Bacia Sedimentar Amazônica, de folhelhos, siltitos, calcários e arenitos, não utilizáveis nas antigas atividades domésticas, excetuando os diques e "stocks" de diabásio empregados no fabrico dos materiais líticos e muiraquitãs.

**PALAVRAS CHAVE:** GEMA; AMULETO; ARQUEOLOGIA.